



A sociologia da arte

The sociology of art

MARQUES, Kadma. **Sociologia da Arte**. Fortaleza – Ceará. Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE, 2019.

Leonardo Tajés Ferreira¹

1. Resenha

A obra *Sociologia da Arte*, de Kadma Marques¹, foi lançada em 2019 pela Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), essa que, filiada à Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU), é uma organização que segue as diretrizes do Programa Interuniversitário para Distribuição de Livro (PIDL), que tem como propósito difundir o conhecimento científico a partir da distribuição de materiais didáticos para diversas bibliotecas do território nacional e internacional.

A obra, que conta com dois capítulos, sendo esses compostos por 13 subcapítulos ao todo, inicia traçando um breve histórico a respeito da Arte² como objeto de estudo da Sociologia, sobretudo dentro da obra dos autores da chamada “Sociologia Clássica”, que engloba Émile Durkheim, Karl Marx, Max Weber e Georg Simmel. A autora segue sua narrativa textual de modo cronológico, estabelecendo três fases da história da “Sociologia da Arte”: o momento fundador; a sociologia estética, o momento intermediário; a história social da arte, etapa de maior definição da disciplina; e a sociologia de pesquisa.

No capítulo de abertura do livro, *Histórico da formação da disciplina sociologia da arte*, Kadma Marques (2019) apresenta a origem histórica da Sociologia da Arte, reforçando a interferência extraestética, ou seja, do meio social, e de suas instituições e regimentos, tanto no processo artístico em si, como também na interpretação do resultado final pelo público. A autora diferencia esta visão sociológica da perspectiva humanista, essa última originada no século XV, no contexto do renascimento, e que considerava as

¹ Membro do corpo docente do Programa de Pós-graduação em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

² O termo Arte advém do latim *Ars* (habilidade). A arte possui diversas correntes estilísticas, ou estéticas, tendo como unidade conceitual a expressão humana através de linguagens estéticas visuais, sonoras ou sensoriais.



características puramente formais (técnicos e estilísticos) da prática artística. Marques critica a “análise internalista” dos humanistas, dos idealistas, como também dos *estetas* da arte, pela demasiada ênfase que estes dão à figura do sujeito individual (artista) em detrimento dos aspectos extra-artísticos.

Conforme o texto, a resistência à proposição de estudos sobre formas de expressão marginalizadas, como o Modernismo ou Dadaísmo, afastadas da erudição apreciada pelas influentes elites econômicas, fez com que apenas ao longo do século XX fosse possível a formulação das bases teóricas de um subcampo da Sociologia ligado às artes. A mudança comportamental da sociedade, sobretudo entre os jovens nos anos pós-Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), influenciados pelo *Jazz*, o *Rhythm and Blues* e o *Rock and Roll*, pelos movimentos de contracultura (como os *Hippies*) e de *avant-garde*, fez desencadear um gradativo processo de mudança intelectual nas universidades. A chamada “Sociologia da Estética”, que teve sua origem na primeira metade do século XX, e que viria a lidar com os assuntos concernentes à arte e à sociedade, embasaria o viés teórico-metodológico de uma nova disciplina, chamada “Sociologia da Arte”, que considera os elementos externos à produção artística (como o contexto social e a interação entre os diferentes grupos), como também as propriedades formais da Arte (como a linguagem, seu conteúdo, e suas influências). A autora descreve de modo cronológico o desenvolvimento deste campo de estudo; inicialmente difundido nos Estados Unidos e logo se estendendo à França, com trabalhos de Raymonde Moulin e Pierre Bourdieu, seguindo para a Inglaterra, com Raymond Williams. No Brasil, a Sociologia da Arte começou a ser estudada a partir da década de 1930, na Universidade de São Paulo (USP), através da influência de Claude Lévi-Strauss, Fernand Braudel e Roger Bastide na instituição. No subcapítulo *A negligência da sociologia para com as artes* a autora considera que ainda há atualmente por parte dos sociólogos a percepção de que os assuntos ligados à arte e ao entretenimento são de menor relevância, considerando que esta postura está atrelada às bases teóricas que fundaram a metodologia sociológica no século XIX. O francês Émile Durkheim, um dos principais expoentes dos primeiros anos da Sociologia, definiu no periódico *L'Année sociologique* as sociologias econômica, a religiosa, a moral e a jurídica como subáreas da então nascente ciência; a categoria “diversos” era reservada à “sociologia estética”. O mais próximo que Durkheim chegou do mundo das artes está presente em *As formas elementares da vida religiosa*, de 1912, onde o autor traçou uma relação entre os simbolismos da arte e da religião.

O distanciamento da Sociologia das artes pode ser explicado, em parte, se levarmos em consideração o contexto em que ela começou a se desenvolver na Europa. Na segunda metade do século XIX havia o interesse de se legitimar a autonomia da Sociologia em relação a outras áreas, como as ciências naturais e as humanidades (*lettres*); além disso, a Sociologia estava na busca por respeitabilidade no meio científico, a partir do aprofundamento



de estudos que dessem maior credibilidade a ela; o que se afastava das abstrações do campo artístico. Para Marques (2019) a perspectiva sociológica de Max Weber pode ser considerada como uma que mais contribuiu para a inserção das manifestações artísticas nos estudos dessa ciência em seus anos iniciais. Em *Os fundamentos Racionais e Sociológicos da música*, de 1911, Weber, através de seu conceito de racionalização, traça um paralelo entre a produção da música moderna ocidental de sua época e as relações interpessoais. Ao definir a “concepção harmônica” como a especificidade mais marcante da música do Ocidente, o sociólogo alemão considerou em seus estudos cálculos aritméticos, harmonias, simetria espacial, tons e semitons, além da organização social, para conhecer os materiais sonoros manifestos em diferentes formas composicionais. Além disso, constatou a existência de fatores intra e extramusicais: em que o primeiro trata da relação entre os sons, dos aspectos internalistas da organização musical; já o segundo, que se relaciona com fatores sócio-históricos, influenciam a organização racional expressa em critérios que ditam o ritmo, o tempo e a harmonia do som. Ainda que o estudo de Weber estabeleça comparativos entre a cultura e os fundamentos intra e extramusicais no Ocidente e no Oriente, trazendo os fatores racionais da música como condicionantes para a elaboração de um sistema sonoro, pouco se aprofundou nas questões sociológicas, mantendo seu foco nos aspectos técnicos de produção. O autor viria a tratar mais sobre arte em outro texto *O sentido da ‘liberdade de valoração’ nas ciências sociológicas e econômicas*, abordando a influência da disposição de meios técnicos (como a mídia impressa e as exposições públicas) para a produção de formas de expressão artística.

Enquanto Weber se amparou em sua “sociologia compreensiva” para entender a conexão sistemática entre historicidade e as ações dotadas de valores, seguindo também um método próprio, em *Contribuição à crítica da economia política*, de 1859, Karl Marx trata da Arte a partir do “materialismo histórico dialético”. Nessa perspectiva as relações hierárquicas de produção se mostram no reconhecimento de determinadas formas de expressão e a relação entre arte e sociedade perpassa o âmbito econômico, o lucro projetado sobre a produção intelectual; “a burguesia só reconhece e aceita até mesmo as produções intelectuais mais elevadas quando estas produzem riqueza material” (MARQUES, 2019, p. 17). Segundo Marques (2019) a influência da arte grega é trazida como exemplo para explicar a predileção do gosto estético da sociedade burguesa do século XIX; a autora acredita que o filósofo “avançou na compreensão da relação entre arte e sociedade, complexificando a ideia de imediata reflexibilidade entre essas duas ordens da arte: a histórica e a social” (MARQUES, 2019, p. 16).

Ao estudar os movimentos artísticos e os fenômenos culturais de sua época, como o *jugendstil* e o expressionismo, o alemão Georg Simmel aprofundou as bases teóricas para a compreensão de um condicionamento



social da arte. Simmel, que foi reconhecido tardiamente, na segunda metade do século XX, como um dos “pais fundadores” da Sociologia, teve seus estudos pouco apreciados dentro do âmbito acadêmico. A maioria deles publicados em jornais e revistas voltados ao público leigo (e muitas vezes de modo fragmentado); a obra de Simmel “quanto mais se aproxima da temática da arte, mais se afasta da sociologia e se encaminha para o campo da história da arte, campo este que já tem, neste período, um profundo amadurecimento” (MARQUES, 2019, p. 18). O autor de *A metrópole e a vida mental* (1902) e *A filosofia do dinheiro* (1900) por vezes questionava as diretrizes metodológicas da Sociologia, desconsiderando os indivíduos como unidades últimas dos estudos, algo que se aproximava muito mais do campo da história da arte e ao trabalho de Marcel Duchamp. E suas temáticas de pesquisa não eram menos peculiares. Simmel se dedicou a pesquisar a vida nas metrópoles, estudando as diferentes formas de interação e de expressão, como o flerte, os bailes, a moda e a atitude blasé do meio urbano, por exemplo, como também a relação entre os governos políticos e a adoção de determinadas formas de arquitetura e disposição espacial.

No segundo subcapítulo *O nascimento da Sociologia da Arte* é dado destaque à influência do campo da história cultural na Sociologia. A autora cita a obra *A imagem do artista: lenda, mito e magia*, de 1934, onde Ernst Kris e Otto Kurz abordam as formas de construção das representações sociais dos artistas no imaginário coletivo ao longo dos séculos. Outra influência que Marques faz menção é o livro *Arquitetura gótica e pensamento escolástico do historiador de arte alemão*, de Erwin Panofsky, esse faz um paralelo entre a erudição discursiva da Idade Média e o desenvolvimento de formas arquitetônicas. Outra contribuição de Panofsky foi a definição de três níveis de interpretação de uma obra: o icônico (dimensão plástica), o iconográfico (que trata da relação entre aspectos sócio-históricos e convenções pictóricas) e o iconológico (visão de mundo inscrita na representação). Segundo a autora a “Sociologia da Arte” tem seus fundamentos não na Sociologia Clássica, mas sim nas ramificações da História Cultural, da História da Arte, e de outras disciplinas ligadas às Ciências Humanas. No subcapítulo seguinte, *Estética sociológica: o pensamento fundante*, é abordada a influência de Georgi Plekhanov e György Lukács, autores que davam ênfase ao estilo de vida e à esfera econômica como fatores importantes para a produção artística. A autora ressalta ainda a importância dos estudos da Escola de Frankfurt para a Sociologia da Arte, com destaque para Pierre Francastel, autor de *Arte e tecnologia nos séculos XIX e XX*, de 1956.

O subcapítulo *História Social: a sociologia da arte em via de maturação* fala sobre a mudança na forma de se interpretar as produções culturais, indo além do caráter estritamente econômico, considerando já a dimensão cultural, que engloba os hábitos, as crenças e as ideologias intrínsecas. Segundo Marques (2019), a partir das décadas de 1950 e 1960, como reflexo das



mudanças socioculturais na Europa e nos Estados Unidos, passaram a ganhar maior destaque os trabalhos de Bram Kempers, Martin Wackernagel e Francis Haskell, que consideravam os aspectos externos ao processo de produção artística em si, como o mecenato (forma financiamento artístico), o papel das organizações artísticas e culturais, além de outras influências extraestéticas, como as políticas de Estado, as instituições sociais, etc.

O subcapítulo *Sociologia da pesquisa: um campo de estudo se configura* aborda a criação das bases da Sociologia da Arte. Um dos marcos iniciais desta vertente teórica se deu nos Estados Unidos a partir de pesquisas estatísticas (coordenadas por Paul Lazarsfeld) com frequentadores de museus; os estudos objetivavam “compreender as condutas e os estilos de vida em relação à estratificação sócio-demográfica – idade, sexo, origem, meio social, nível de formação, classe econômica etc.” (MARQUES, 2019, p. 23). Seguindo os mesmos passos, na Europa, a obra de 1966 *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu “público”*, concebida a partir do estudo de Pierre Bourdieu, Alain Darbel e Dominique Schnapper, evidenciava a relevância do estilo de vida, do nível escolar, e da origem social, como determinantes para a preferência artística. Além da importância do ambiente escolar para o acesso de “bens culturais”, o trabalho ainda ponderava para o papel fundamental do ambiente familiar na inculcação destas disposições estéticas. Segundo Marques (2019, p. 23) “Bourdieu desmistifica uma série de crenças, expondo o peso da origem social e do nível escolar nas escolhas e disposições artísticas que definem o gosto e o estilo de vida de determinado grupo”. A formação desta “Sociologia da Pesquisa” também contou com a contribuição de Raymonde Moulin, com *O mercado de tintas na França*, de 1967; de Norbert Elias, em *A Sociedade de Corte*, de 1969, e *A peregrinação de Watteau à ilha do amor* (livro lançado postumamente, nos anos 2000, que trata diretamente sobre a arte na Europa); e até mesmo de Michel Foucault, que apesar de não ser propriamente um sociólogo, teve sua influência no meio com *As palavras e as coisas*, de 1966.

Após uma síntese do primeiro capítulo, e a exposição de textos e conteúdos complementares, como atividades de avaliação para a sala de aula, o livro se encerra com o capítulo *A figura do artista sob a perspectiva sociológica*. Marques se ampara em diversos autores e conceitos, como o de *habitus* e o de campo (presentes nas obras de Pierre Bourdieu), para diferenciar a perspectiva sociológica da visão humanista, enfatizando que a primeira se propôs a questionar as noções idealistas, atreladas, segundo a autora, à atributos individualistas e extraordinários. O livro de Kadma Marques, com sua linguagem acessível e dinâmica, nos ajuda a compreender como a Sociologia está em constante processo de construção, acompanhando as mudanças sociais e identificando os elementos condicionantes para escolhas e gostos, problematizando a interferência da realidade externa à produção da arte em si. Compreende-se, deste modo, tanto a mente dos artistas como também do público, considerando pertinentes os elementos que compõem as distintas



predileções estéticas.

Como citar esta resenha:

FERREIRA, Leonardo Tajés. A sociologia da arte. *Áskesis*, São Carlos - SP, v. 10, n. 1, p. 196-201, jan./jun. 2021.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/10121.578>

Data de submissão do artigo: 21/07/2022

Data da decisão editorial: 27/03/2022